



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE
ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA
KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE

BULLYING ESCOLAR: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DR. AIRTON
TELES

SÃO CRISTÓVÃO- SE
OUTUBRO 2015

**GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA
KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE**

**BULLYING ESCOLAR: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DR. AIRTON
TELES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado sob a forma de Plano de Intervenção - PI, em cumprimento a uma das exigências para obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege).

Eixo temático: Escola como espaço de promoção da cidadania e mediação de conflitos.

Professor/a Orientador/a: Msc. Priscila Soares Silva

**SÃO CRISTÓVÃO- SE
OUTUBRO 2015**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

--



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE
ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)**

COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção das docentes GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA e KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE, intitulado: “BULLYING ESCOLAR: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DR. AIRTON TELES”. Defendido e aprovado em banca examinadora composta pelos seguintes professores:

(Examinador/a 1)

(Examinador/a 2)

(Orientador/a)

AGRADECIMENTOS

GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA

Agradeço a Deus - pai espiritual e meu alicerce - pela força, sabedoria e saúde. De forma especial, a minha filha Layla Fagundes Mendonça de Oliveira, por ser inspiração em todos os momentos de minha vida. Mesmo sem saber, ela tem o dom de transformar tristeza em alegria, dissabor em sabor, insegurança em segurança. À coordenação, à direção, aos alunos e aos professores da Escola Estadual Dr. Airton Teles, por terem me recebido e apoiado à concretização desta pesquisa e a minha orientadora Priscila, pelas contribuições, compreensão e apoio. Sem sua dedicação esse trabalho não seria o mesmo.

KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE

Agradeço a Deus pela saúde, esperança e perseverança que ele me dá a cada dia. Foram dias de sacrifício e renúncia para alcançar o objetivo: chegar ao final dessa especialização. Agradeço especialmente as minhas amigas Elaine e Hellen, pelo incentivo, e a Clara, por ter se preocupado comigo quando eu estava na fase final desse trabalho. À Gersivalda, muito obrigada por me aceitar como dupla. À Priscila, minha orientadora. Ao meu marido, pela compreensão. Tantos passeios foram cancelados porque eu tinha atividades para cumprir. A minha família. Aqui, não citarei nomes, pois posso me esquecer de alguém. Vocês todos são muito importantes para mim. Valeu à pena todo sacrifício.

RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre a violência escolar, em atenção especial ao fenômeno “*bullying*”, a partir do estudo de caso, com base nas pesquisas realizadas na Escola Estadual Dr. Airton Teles, localizada na cidade de Itabaiana, no Estado de Sergipe. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura que versa sobre tema proposto e, concomitantemente, uma pesquisa de campo, através da observação do ambiente escolar, da aplicação de questionários e da criação de um grupo focal com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Os dados obtidos na pesquisa permitiram o levantamento de vivências sobre o *bullying* escolar e propiciaram uma salutar reflexão sobre a importância do ambiente educativo frente a essa questão. Assim, sugere-se uma proposta de intervenção para esse comportamento agressivo, que possui como um dos *locus* para sua efetivação o ambiente escolar.

Palavras-chaves: Violência Escolar; *Bullying*; Ambiente Educativo; Intervenção.

ABSTRACT

The present work presents Reflections on school violence, especially Caution When Phenomenon "bullying", the From the case study, the NAS based on surveys carried out in the State School Dr. Airton Teles, located in the city of Itabaiana, State Sergipe. Both Pará, was a carried out literature review que versa About proposed theme and, concomitantly, a search field, through observation of the school environment, the questionnaires application and hum Creation Group Students WITH focus of the 9th grade of elementary school . Data obtained from the OS allowed the Search Experiences Survey About School Bullying and have provided a salutary reflection About the importance of the educational environment facing each THAT question. SO, it suggested -If An Intervention Proposal paragraph THAT aggressive behavior, that HAS As hum of locus paragraph YOUR effective school environment.

Key words: School Violence; Bullying; Educational environment; Intervention.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: A ESCOLA, OS JOVES E O <i>BULLYING</i>	20
1.1 A escola: ambiente plural e historicamente construído	20
1.3 <i>Bullying</i> : reflexões sobre a escola, violência e a lei.....	27
CAPÍTULO 2: O AMBIENTE ESCOLAR E OS ALUNOS.....	35
2.1 O ambiente escolar.....	35
2.1 Os alunos.....	40
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO	44
Apresentação e Justificativa.....	44
Objetivo geral	44
Objetivos específicos	45
Ação 1: Ambiente Educativo	49
Ação 2: Ensino e Aprendizagem da Leitura e Escrita	49
Ação 3: Prática Pedagógica e Avaliação	49
Ação 4: Gestão Democrática	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
APÊNDICES	54
Apêndice 1: Perguntas Norteadora do Grupo Focal	54

INTRODUÇÃO

Atualmente, não é difícil de relatar casos de violência no ambiente escolar. Ouve-se, nos meios de comunicação local e até nacional, notícias de inúmeros casos. No dia 03 (três) de julho desse ano, o G1¹ noticiou uma história chocante de agressão. Um adolescente, aluno de uma escola estadual, de Aracaju/SE, usou uma caneta para dar golpes na cabeça da diretora e isso aconteceu dentro da Unidade de Ensino. A diretora foi atingida por socos no corpo e canetadas na cabeça que provocaram, pelo menos, três perfurações. O aluno agressor aproveitou o momento em que a diretora (também professora) estava sozinha na diretoria para atacá-la. Segundo professores e alunos, a agressão aconteceu porque alguns alunos soltaram uma bomba na escola, o que causou sérios prejuízos. Como punição, um deles foi expulso e outros estariam sendo investigados, dentre eles, o adolescente que agrediu a diretora.

No contexto nacional, podemos citar a chacina que ocorreu no dia 07 (sete) de março de 2011, noticiado também pelo GI. Um homem de 23 anos entrou em uma escola municipal da Zona Oeste do Rio de Janeiro e disparou contra vários alunos, em salas de aula lotadas. Posteriormente, foi atingido por um policial e se suicidou. O crime ocorreu por volta das 08h:30min. Segundo o diretor do hospital para onde as vítimas foram levadas, 11 crianças morreram (10 meninas e 1 menino) e 13 ficaram feridas (10 meninas e 3 meninos). As crianças tinham idades entre 12 e 14 anos².

Poderíamos citar inúmeros casos de violência, com os mais variados tipos de agressão, verbal ou física. Daria para encher muitas páginas de notícias. O fato é que a escola vem se tornando, cada vez mais, um lugar vulnerável a atos violentos (chacina, agressões, brigas, *bullying*). Em consequência disso, famílias, estudantes e professores apresentam, em diversos depoimentos nas mídias, preocupações com a violência no contexto escolar. Percebem que não basta - como papel da escola - a missão de ensinar, educar, formar cidadãos, entre outros, mas precisa também mediar conflitos, refletir e resolver problemas ligados à violência e à agressividade, que muitas vezes culminam em seu ambiente.

¹ Portal de notícias brasileiro mantido pela Globo.com - portal e provedor de internet pertencente às Organizações Globo - e sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Para obter mais informações sobre a notícia ver: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/07/diretora-de-escola-estadual-e-esfaqueada-por-aluno-em-aracaju.html>. Acessado em 03 de agosto de 2015.

² Informação obtida em: <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>. Acessado em 03 de agosto de 2015.

Partindo agora da própria experiência de uma das pesquisadoras do presente trabalho, enquanto professora contratada da rede pública de ensino, bem como da particular, durante o trabalho em sala de aula, era comum presenciar casos de violência, principalmente verbal, entre alunos e alunas. Percebia-se que as atitudes e práticas violentas adotadas faziam parte do cotidiano deles, sendo até tratadas como “algo natural” entre os/as próprios/as discentes. Não era fácil explicar e convencê-los sobre o problema, ora porque não entendiam, ou porque se faziam de desentendidos. Muitos/as alunos/as ignoravam o fato de que ofender o outro verbalmente é invadir sua privacidade, suas particularidades, o seu próprio direito de cidadão. Não percebiam que esse tipo de atitude pode trazer consequências graves para a vida, tanto para o agressor (que pode tornar-se adulto violento), quanto para o agredido (que pode sofrer traumas psicológicos).

Nota-se, pelos casos citados, de que o/a professor/a precisa, além de dominar conteúdo e orientar a aprendizagem, também mediar conflitos. E a necessidade desta mediação tem sido algo comum no cotidiano das salas de aula. Resolver questões conflituosas tem se revelado um dos maiores desafios da profissão nos últimos tempos. São inúmeros casos de violência (facada, pedrada, roubo, tiros) praticados entre os/as alunos/as, bem como também contra os/as professores nas escolas. Chega, até mesmo, ser assustador o ambiente de uma sala de aula.

A prática de violência no ambiente escolar é reconhecida no plano nacional e internacional como questão social e de saúde pública, por trazer uma série de consequências físicas e psicológicas para o agredido. Converte-se em um problema preocupante, pois afeta várias pessoas. Contribui para desconstruir a ideia de escola como lugar de adquirir conhecimento, apropriado para o desenvolvimento para a vida e trabalho, lugar de aprendizagem e formação. Colaborando com essas ideias, é pertinente trazer Miriam Abramovay, (2002, p. 26):

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que aconteçam os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante. Preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência.

Partindo desta reflexão, chegamos a um ato de violência que se refere a comportamentos de opressão, intimidação, gozação e até perseguições praticadas e sofridas

por estudantes do mundo todo: o *bullying*. Seguindo a definição proposta pela educadora e especialista em *bullying* no Brasil, Cléo Fante (2005), entendemos o *bullying* como um conjunto de atitudes agressivas, caracterizadas pela repetição, violência e desequilíbrio de poder, a partir de comportamentos agressivos com base em intimidação, insultos, assédios e discriminação, com o intuito de intimidar, maltratar ou provocar dor, angústia e sofrimento.

O *bullying* é praticado diariamente entre os estudantes. Os que mais sofrem são os que fogem dos padrões definidos pela sociedade, os quais por opção e direito, apresentam características diferentes dos padrões impostos pela sociedade mercadológica e capitalista. Quando crianças e adolescentes são violados ou ameaçados no ambiente escolar, passa-se a refletir sobre o papel da escola e do professor para intervenção e possível solução dos casos. Na sala de aula, o *bullying* pode se expressar tanto pela prática de violência como pela indisciplina, timidez ou isolamento. Ao se observar ou detectar algum caso de violência, passa-se a repensar e responsabilizar os/as profissionais da educação para a denúncia e resolução dos casos (FANTE, 2005; LEÃO 2010; MENEGOTTO et al, 2013).

Aliado a esse quadro, o Estado de Sergipe apresenta resultados negativos sobre a educação. Segundo notícia do G1, divulgada no dia 13 (treze) de novembro de 2014, com base nos dados divulgados pelo Plano Nacional da Educação – PNE, até 2022, ano de bicentenário de independência, deve-se chegar à média 7,0 (sete). Com base no INEP/ MEC, desde 2005, Sergipe apresenta resultados ruins e abaixo da média projetada para o Estado. Apresenta ainda média inferior, se comparado à média do Brasil em 2013, de 5,3 e Sergipe, 4,4. Será que os problemas relacionados à violência no ambiente educativo estão influenciando o resultado ruim da avaliação? Ou os resultados refletem problemas ligados tanto à violência quanto a outras questões, referentes ao processo educativo? Qual o papel da escola e do professor para resolução destes problemas? O que fazer para reverter estas situações?

Para refletir sobre estes questionamentos, o presente trabalho realizou uma pesquisa sobre a relação cotidiana entre alunos e professores da Escola Estadual Dr. Airton Teles, localizada na cidade de Itabaiana, em Sergipe. Tivemos como principal objetivo investigar os casos de violência nesse ambiente escolar. Para isso, optamos por um estudo de caso, por considerarmos importante procedimento metodológico ao abranger uma particularidade de um sistema mais amplo, que nos permite desvendar questões relacionadas com uma multiplicidade de vivências (LÜDKE E ANDRÉ, 1992). A pesquisa será desenvolvida com alunos de uma turma do 9º ano, por se tratar de adolescentes e por considerar que eles teriam um entendimento maior, o que poderia facilitar a aplicação dos procedimentos metodológicos.

Com base na literatura que versa sobre violência escolar e bullying, elegemos como ferramenta para a coleta dos dados do diagnóstico a criação e realização de um grupo focal com os estudantes. O grupo focal, técnica de pesquisa qualitativa realizada a partir de discussão sobre um tema em grupo, permitiu a complementação das informações obtidas, o que justifica a sua escolha. Dessa forma, o grupo focal se revelou como importante ferramenta de coleta de dados, permitindo a apreensão da realidade de determinado grupo social, bem como a compreensão de práticas, atitudes e comportamentos cotidianos (GATTI, 2005), possibilitando captar dos discentes as suas percepções sobre o ambiente educativo e as relações nele vivenciadas.

Para a construção das perguntas-chave do grupo focal, tivemos como base a literatura que trata sobre violência escolar e *bullying*. E as reflexões sobre os indicadores da qualidade da educação, elaborado pela UNICEF (2007), principal indicador que versa sobre o ambiente educativo, considerado como espaço onde “os indivíduos se socializam, brincam e experimentam a convivência com a diversidade humana” (UNICEF, 2007, p. 21).

O grupo focal foi realizado em um encontro que contou com a participação de 06 (seis) discentes. Vale ressaltar a justificativa da amostragem, pois mesmo apresentando projeto e explicando a relevância e importância do trabalho, o número de estudantes voluntários para participação na pesquisa foi muito baixo. A princípio, o projeto foi apresentado para alunos do 9º ano, do turno matutino. Porém, apesar de ter feito todo o trabalho explicativo, na tentativa de mostrar a relevância da pesquisa, no dia da entrevista focal, nenhum aluno apareceu. Mesmo levando lanche, reservando a sala, esperando 02 (duas) horas a mais do horário combinado, ninguém apareceu.

Diante da problemática apresentada, tivemos que mudar os percursos da pesquisa, inverter a rota e encontrar uma saída. Assim, decidiu-se por apresentar o projeto para os alunos do 9º ano, do turno vespertino. No entanto, apenas 06 (seis) pessoas apresentaram interesse e participaram de todo o processo. Apesar das dificuldades iniciais, que fez atrasar o andamento do projeto, no final, ocorreu tudo bem.

Para a aplicabilidade, marcamos em horário contrário ao da aula (para não interromper as atividades escolares) e em lugar reservado (com autorização dos respectivos responsáveis) na busca de um ambiente agradável e que trouxesse segurança para eles argumentarem. Destacamos que, no presente trabalho, não haverá identificação dos alunos. Todos serão tratados por códigos, preservando assim suas identidades.

A presente pesquisa conta também com a observação do ambiente escolar. Esta ocorreu nas quartas e quintas-feiras, do mês de setembro de 2015. Foram vários dias de

pesquisa e observações, com o objetivo de verificar de perto o cotidiano dos sujeitos da pesquisa, focalizando o comportamento dos discentes em determinados momentos específicos: o intervalo e a saída da escola. Essa experiência foi de real importância, pois tornou possível presenciar cenas e fatos que ajudaram a manter a escolha do tema. Vale ressaltar que a observação do ambiente escolar também foi realizada durante o módulo IX do curso, ocasião em que tivemos a experiência de observar o cotidiano da escola. Analisando a convivência dos alunos e o espaço físico, por meio dessas observações, foi possível perceber que o quadro mais comum de violência seria o de agressão verbal.

A motivação pela escolha da Escola Estadual Dr. Airton Teles ocorreu pelo fato de uma das pesquisadoras querer retornar a escola na qual cursou o Ensino Fundamental. No período que foi aluna dessa escola a mesma presenciava várias cenas de violência, ofensas verbais, apelidos e brigas na frente da escola era algo comum nessa instituição. Diante desse cenário tornou-se necessário uma proposta de intervenção para tentar melhorar esse quadro.

É triste saber que crianças e adolescentes praticam atos de violência e estão sujeitos a eles. Esse quadro afeta a qualidade de vida por causa das lesões físicas, psíquicas e morais. Apesar do reconhecimento das formas de violência praticadas contra as crianças e adolescentes, ainda sentimos falta de ações mais efetivas para combater esse tipo de ato. Precisamos de maior fiscalização e denúncias. Para isso, é necessário o reconhecimento da sociedade como sendo parte do problema.

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi criado em 13 (treze) de julho de 1990, com o objetivo de assegurar proteção e apoio para o desenvolvimento da criança, conferindo e protegendo cinco direitos básicos, dentre eles: direito a vida, saúde, liberdade, respeito e dignidade, convivência familiar e comunitária, educação cultura e lazer, profissionalização e proteção no trabalho, conforme prevê os art. 53 e 71.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhe : II - direito de ser respeitado por seus educadores; [...] O Art. 71 advoga. A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição de pessoa em desenvolvimento.

Apesar dos direitos assegurados por lei, esta muitas vezes não se faz cumprir. Infelizmente, ainda presenciamos situações de não cumprimento daquilo que a lei prevê. Muitas crianças e adolescente estão fora da escola, a falta de estrutura adequada das instituições, falta de merenda, entre outros. Todas as situações citadas nos levam a refletir e

pensar: “Qual o nosso papel, ao presenciar tais situações”? Pôr a venda e ficar cegos ou agir? Todos nós somos responsáveis e devemos entender o problema como nosso.

Este estudo trata-se de uma combinação de estudo de caso e aplicação de grupo focal. Conforme estudado no Módulo, IX “Elaboração de planos de intervenção educacional”, coordenado pela professora Cristine, um plano de intervenção é uma ferramenta a serviço de um objetivo de natureza pedagógica ou educacional. Trata-se de um instrumento de trabalho utilizado para organizar ações, de modo a alcançar os objetivos pretendidos. No caso dessa pesquisa, verificar os casos de violência no ambiente escolar. Ele se fundamenta na realidade sócio-cultural e responde às necessidades sociais e educacionais. Trata-se de uma proposta objetiva e focalizada, destinada a implementar mudanças para resolver problemas da realidade. Para a autora, a intervenção deve ser desenvolvida num ambiente respeitoso dos direitos infanto-juvenis, de modo que discurso e prática sejam articulados e coerentes. Trata-se, pois, de levar as prescrições jurídicas até a prática.

A intervenção busca promover o exercício dos direitos infanto-juvenis, preparando assim os educandos para serem, além de beneficiários, atores desses direitos. Trata-se de evidenciar a ligação intrínseca entre direitos e responsabilidades. Deve se fundamentar em alguns princípios básicos que norteiam a própria concepção do plano e definem as estratégias metodológicas a serem adotadas no decorrer da intervenção. Isso, contudo, exige que esses princípios condigam com os direitos da população infanto-juvenil, entre eles: construir competências; considerar o aluno como parceiro de sua aprendizagem; promover uma pedagogia diferenciada, especializada em direitos infanto-juvenis no ambiente escolar; elaboração de planos de intervenção educacional e, por fim, favorecer ações transversais.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, será apresentada uma revisão da literatura sobre o ambiente educativo, juventude e *bullying*, tendo como pano de fundo suas relações e o papel da escola nestes contextos. No segundo capítulo, apresentamos um histórico da escola pesquisada e do município onde está inserida. Nele também constam as reflexões suscitadas a partir do grupo focal feito com os discentes. E, no terceiro trataremos da proposta de intervenção, com o intuito de contribuir na solução de problemas que foram identificados pela pesquisa, objetivando lançar uma “luz” e melhorar a convivência entre alunos e professores.

CAPÍTULO 1: A ESCOLA, OS JOVES E O *BULLYING*

1.1 A escola: ambiente plural e historicamente construído

A escola, como espaço de formação e conhecimento, surgiu na Grécia antiga. A origem da palavra escola vem do grego “*scholé*” e significa “lazer, tempo livre”. Para os gregos, o ócio era tempo necessário para o desenvolvimento da reflexão e da capacidade de pensar. Na Grécia antiga, o mestre filósofo era o responsável pela educação dos seus discípulos. Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da educação grega. O professor não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade, devendo formar os futuros governantes e ocupantes dos altos cargos. Na Idade Média, as escolas funcionavam nos mosteiros e os professores eram os integrantes da Igreja. Eram eles que estabeleciam o que deveria ser estudado. Na maioria das escolas, ensinavam-se, basicamente, temas religiosos, pois o principal objetivo era a formação sacerdotal. (PLATÃO 2006).

Na sociedade moderna, o sistema educacional passou a ser conduzido pelo Estado, este assumindo todas as funções de planejamento educacional, cabendo-lhe o dever de apontar os meios e fornecer os recursos para uma maior integração no meio social. Desenvolveu-se a educação escolar voltada para capacitar o aluno para o mercado de trabalho. Começaram a surgir várias correntes teóricas, entre elas a marxista, que passaram a criticar esse sistema. Eles defendiam que a escola não tinha a função de apenas formar profissionais, mas de formar cidadãos conhecedores do mundo que o cerca e a partir do conhecimento se tornar avaliador da realidade vigente. (RODRIGUES, 2001).

No Brasil podemos citar alguns dos defensores desse sistema, a exemplo de Anísio Teixeira e Paulo Freire. Eles acreditavam que a escola era um direito de todos, sem distinção de classe, pois a educação formava o homem alienado, mas também tinha o poder de transformá-los desalienados. Atualmente, o sistema educacional brasileiro vem passando por diversas transformações, com mudanças que objetivam a melhoria da qualidade de ensino e, para que isso aconteça, é necessário quebrarmos com os paradigmas existentes, para uma melhor conscientização e construção de uma sociedade mais justa.

Que não há educação foradas sociedades humanas, da mesma forma que não há homem no vazio marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira e suas contradições, apresentado violentos embates entre os valores e peculiaridades que se pretendiam preservar e outro que estava nascendo, o ontem marcado por uma

sociedade sem povo, subordinada a uma elite e o hoje surgindo como uma nova sociedade, onde o homem torna-se sujeito de sua história, cortando qualquer elo que o fizesse permanecer como objeto do seu contexto social” (FREIRE, 1999, p. 43).

A escola se tornou um ambiente importante para a sociedade, pois seu papel se estende além da transmissão de conteúdos ou formação profissional. Ela permite criar pessoas reflexivas, com capacidade de analisar, compreender, produzir e construir sua própria história. Também é capaz de desenvolver as capacidades, a consciência, a compreensão de si mesmo e do mundo, ou seja, prepara o indivíduo para viver em sociedade. Assim, quando falamos da escola e do seu papel, não podemos deixar de lado reflexões sobre a *práxis* e a metodologia aplicada para chegarmos a uma conscientização das “várias formas de se educar”, sendo significativo citarmos alguns pensadores e suas ideias, fazendo assim um paralelo entre as primeiras reflexões e as ideias contemporâneas, de forma resumida. .

Antes da era cristã existiram alguns homens que tanto escreveram como criaram uma ideologia em torno do conhecimento (educação), dentre eles citamos Platão, um discípulo de Sócrates, que exerceu influência sobre a educação grega. De acordo com sua doutrina, a educação consistia na atividade que cada homem desenvolve para conquistar as ideias e viver de acordo com elas, pois o conhecimento não vem de fora, consiste em um esforço da alma para apoderar-se da verdade. Segundo Sócrates, todos têm a capacidade para adquirir conhecimento, Platão afirmava que apenas algumas pessoas possuíam tal capacidade. O fim da educação para ele consistia na formação moral do homem, sendo o Estado à finalidade de quem se educa na medida em que representa a ideia de justiça. Sintetizando tal pensamento como a “formação do homem moral dentro do estado justo”. (PLATÃO, 2001 e 2006).

Outro conhecido filósofo, Aristóteles, também fez reflexões sobre a educação. Ele dava mais importância ao mundo concreto e rejeitava o idealismo platônico, afirmando que “as ideias não existem fora das coisas”. Desenvolveu o seu conceito de educação partindo da *imitação*, alegando que a criança se educa à medida que imita os adultos, desembocando a educação humana em fatores naturais, os meios para aprender e a prática ou hábito. Considerava a educação função do Estado e que a família desempenha um papel importante no educar, principalmente na primeira infância. A finalidade da educação consiste na felicidade ou no bem, dirigindo a conduta humana, existindo duas espécies de bem o do intelecto e a do caráter. (ARISTÓTELES, 1997 e 2001).

Depois da era cristã, encontramos Santo Agostinho, que falava do processo de ensino dentro de uma visão platônica, afirmando que o órgão de todo aprendizado funciona por

iluminação divina, utilizando-se de palavras ou sinais para que haja comunicação. No século XIII, encontramos Santo Thomas de Aquino, pensador da Idade Média, que demonstrava e ensinava as concordâncias da razão/fé através da análise lógica e considerava Deus o verdadeiro mestre que ensinava dentro da alma (FREITAS, 1992).

Entre os séculos XVI e XVII, João Amós Comênio, maior pensador educacional do seu século, afirmava que o objetivo da educação é auxiliar o homem para ser alcançada a felicidade eterna com Deus. Ele inovou ao afirmar que para alcançar o conhecimento é necessário “Dominar a si mesmo”, assegurado pelo conhecimento de si e de todas as coisas úteis. Jean-Jacques Rousseau acreditava que a natureza humana era má, tendo a educação o papel de destruir a natureza original, substituindo por outra modelada pela sociedade. Dizia que tudo é bom ao sair das mãos do autor da natureza; mas tudo se degenera nas mãos do homem.

Antonio Gramsci afirma que a escola pode exercer um papel transformador, não negando sua função reprodutora. Contribuiu para elevar o nível cultural das massas por proclamar que as classes subalternas (de posse dos códigos das classes dominantes transmitidos pela escola) podem manipular tais códigos contra a ordem dominante. John Dewey, considerado o mais importante pensador, divulgador e sistematizador da escola nova, tinha o ideal de que a educação deve ser realizada paralela à vida, descentralizando e democratizando o conhecimento.

Anísio Teixeira segue o pensamento educacional de Dewey. Defendeu uma escola única, aberta a todos, sem distinção e reorganizada de acordo com os princípios da pedagogia nova, devendo servir de instrumento para a reconstrução social. As exigências que crescem proporcionalmente ao desenvolvimento e a complexidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade moderna, frente ao desenvolvimento histórico, acabam forçando a criação de uma instituição especializada de caráter universal, a partir do advento da moderna sociedade. Por isso, acredita-se que a escola atualmente tem o compromisso de se envolver com a sociedade, para que possa ter uma visão crítica de sua condição de participante mais ativa do processo social, devendo a educação assumir também um papel de grande relevância nesse processo.

A educação faz parte da vida social por organizar experiências praticadas pelo indivíduo no cotidiano, desenvolvendo a personalidade e garantindo a sobrevivência e o funcionamento das coletividades humanas.

A educação é o instrumento que possibilita a cada membro da sociedade os meios de sua sustentação devendo fornecer a criação de condições adequadas

para uma vida digna desenvolvendo as capacidades intelectuais e profissionais do cidadão (...) tal instrução deve ser assumida pelos poderes públicos como dever de justiça (RODRIGUES, 2000, p. 52).

As técnicas aplicadas à educação não estão pautadas simplesmente nos recursos formais para a transmissão de conteúdo, pois as técnicas em conjunto com as práticas, estão vinculadas às normas e valores sociais. Se a educação for observada do ponto de vista sociológico, é notada uma reconstrução sistemática das relações entre as ações que objetivam educar e as estruturas da vida social.

Uma análise da educação atual é necessária para que possam ser ampliados os instrumentos de investigação em educação, pois a sociedade industrial moderna que se consolidou nas primeiras décadas do século XIX, revolucionou, num período curto em termos históricos, toda a humanidade, seja econômica, política, cultural, intelectual e até mesmo afetiva, cabendo um mergulho nessa nova sociedade para que possam ser compreendidos os modos de educar.

No século XX, o francês Pierre Bourdieu, analisou a educação contemporânea sob a influência do modelo de Durkeim e introduziu uma síntese teórica estruturalista que pretendia desvendar o peso das estruturas sociais a partir das ações dos indivíduos radicalmente submetidos ao controle das estruturas da sociedade, pois os sujeitos são vistos como marionetes das estruturas dominantes, demonstrando a reprodução de orientações determinadas pela estrutura vigentes. Mesmo os que pensam estarem liberados das manobras sociais são movidos por *forças ocultas* que os estimulam a agir, mesmo que não tenham consciência disso.

Diante das mudanças que vem ocorrendo, o profissional da educação foi modificando sua maneira de atuar e visualizar os processos de ensino-aprendizagem, a partir de novas propostas de ação pedagógica.

O educador consciente sabe da importância que tem para a mudança social e o modo como as pessoas percebem a realidade e a si mesmas. As que, mediante uma educação libertadora, descobrem o mundo e sua posição nele com consciência crítica, são os melhores sujeitos ativos de uma transformação seria e profunda das estruturas sociais. (PILETTI, 1997, p. 42).

Diante disso, é necessário que os alunos, gradativamente, possam ler e compreender a realidade, posicionando-se, fazendo escolhas e agindo criticamente, sendo necessário para isso, identificar o próprio grupo de convívio e as relações com outros tempos e espaços e questionar a sua realidade. E para se escolherem os conteúdos a serem estudados é primordial que se vejam as problemáticas locais e as informações históricas, para que se forme um

repertório intelectual e cultural onde se estabeleçam identidades e diferenças, permitindo a introdução do aluno nas diversas formas de relações sociais, com uma perspectiva de que as histórias individuais se integram. Ou seja, o ensinar, atualmente, requer do professor uma metodologia que busque e dê preferência ao desenvolvimento de trabalhos que levem em conta a especificidade da comunidade escolar.

Por isso, seja qual for o contexto em que se trata do papel da educação e, em consequência, da escola, fazem parte reflexões que tratam de seu ambiente. E podemos pensar neste ambiente educativo de duas maneiras, ou pelo espaço físico (sala de aula, banheiro, refeitório, secretaria) ou pelo seu ambiente plural que comporta o relacionamento de pessoas de concepções, reflexões e pensamentos similares ou ímpares. Por se pensar no espaço físico, tratamos especificamente de questões materiais. Se prestarmos atenção ao ambiente educativo em seus aspectos afetivos, veremos um conjunto de elementos que envolvem as relações presentes na escola que podem influenciar a qualidade do ensino. Principalmente quando notamos a existência de casos de *bullying*, que está intimamente ligada a problemas nos elementos compostos pelo ambiente educativo, conforme proposto pela UNICEF.

No ambiente educativo, o respeito, a alegria, a amizade e a solidariedade, a disciplina, a negociação, o combate à discriminação e o exercício dos direitos e deveres são práticas que garantem a socialização e a convivência, desenvolvem e fortalecem a noção de cidadania e de igualdade entre todos (2007).

Assim, as atividades relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem estão interligadas ao ambiente de aprendizagem, pois quando não há respeito, amizade, disciplina nem alegria, as possibilidades de solidariedade e negociação são abaladas, bem como o exercício de direitos, deveres e o combate a qualquer forma de discriminação. Pensando dessa forma, o ambiente escolar deve ser percebido como um espaço socialmente construído por professores e alunos a partir de suas interações, principalmente, de forma simbólica e afetiva. O que destaca a percepção de manutenção de um ambiente favorável para a concretização da aprendizagem é a manutenção de um rendimento escolar satisfatório. Quando do contrário, ela pode se tornar hostil e indesejável, ao prejudicar as interações vivenciadas e afetar diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Cabe então pensarmos a educação a partir de seu ambiente educativo, com empenho em manter um bom processo educacional, a partir da boa relação entre os professores e alunos. Pablo Gentili, (2001), defende a ideia do educar para o exercício da cidadania, transmitindo a todos os direitos que são reconhecidos. Para ele, os valores, normas e direitos

morais se formam socialmente nos indivíduos e os sujeitos estão submetidos a permanentes processos de reconstrução social de sua moralidade.

Para Chico de Alencar (2001), o educar deve estar baseado na humanização do indivíduo, segundo ele ninguém nasce bandido nem santo, nos somos frutos do processo educativo. “Somos filhos do tempo, da cultura e... dos processos educativos que as sociedades criam e recriam. ‘Húmus’ que podem fecundar ou apodrecer”.

Estamos submersos em uma sociedade que vive no mundo do individualismo, do egoísmo e da competição. Isso vem prevalecendo entre as pessoas. Diante disso, é preciso que a educação escolar não esteja voltada apenas para formar o cidadão apto para o mercado de trabalho, mas também prepará-los para viver em sociedade. Um sujeito preocupado não apenas consigo mesmo, mas preparado para enxergar a si e ao próximo. Diante disso, é preciso que a escola assuma o compromisso de formar cidadãos que sejam capazes de divulgar, socializar e reconhecer os direitos. Para isso acontecer, é preciso que os professores estejam engajados para desempenhar esse papel para mudar a realidade e que eles possam romper a barreira do sentimento de impotência.

1.2 Os jovens: um novo perfil da atual juventude

Entender e discutir sobre educação, o processo de aprendizagem e a percepção da juventude e sociedade, é de cunho extenso, profícuo, instigante e muito importante. Aprender não é um simples ato de armazenar dados, informações, mas de articular o conhecimento, as ideias, utilizar o conhecimento adquirido de forma ampla e flexível. Estamos falando de um processo cíclico na vida do indivíduo, pois se aprende com a experiência, nas relações ao nosso redor e na significação das informações que adquirimos no decorrer da vida.

O ato de aprender não é um ato engessado e muito menos estável, é sim dinâmico e contínuo. Os pais querem que seus filhos estudem, não simplesmente para aprender, mas para obter um diploma e bom trabalho.

Aproximadamente 75% a 80% dos alunos estudam para mais tarde ter um bom emprego(...). Para quem nasce em uma família popular ter uma vida normal, o único jeito é ser bem-sucedido na escola, as famílias sabem disso... Eles dão importância à escola porque sabe que não há outro jeito para os filhos saírem da dificuldade da vida... (CHARLOT, 2005, p. 67).

Ainda segundo Charlot (2000) a educação supõe desejo e colaboração, é um processo contínuo, “Nascer é ingressar em um mundo onde se é obrigado a aprender”. Para ele sucesso na escola não é questão de capital cultural, mas está associado a trabalho, atividade e mobilização, e o desejo é a mola mestra da atividade do sujeito. Trata-se de levar uma criança a inscrever-se em certo tipo de relação com o mundo, consigo mesmo e com os outros. Implica renúncia provisória ou profunda. Para o autor, não existe fracasso escolar e sim ausência de resultados, transgressão, recusa a estudar e transgressão da regra. “... A relação com o saber é relação com o tempo... requer tempo e jamais acaba” (Charlot, 2000, p. 78).

Percebemos um abismo muito grande entre o que se ensina e como é que os jovens querem aprender. Seria o que conhecemos de diferença entre duas gerações opostas. Os jovens de hoje são autores e protagonistas da sua própria aprendizagem. Possuem um perfil autodidata. Produzem, reproduzem e compartilham conhecimento na rede, interagem utilizando diferentes linguagens escrita e oral. Essa nova geração, Serres (2013), identifica como “Polegarzinha”. Para ele, apresentam um novo perfil, habitam o virtual. Como os polegares, consultam sites de pesquisa e habitam as redes sociais facilmente, pois conseguem manipular várias informações ao mesmo tempo, ter acesso a pessoas, lugares, saberes. Não habitam mais os mesmos espaços, tampouco falam a mesma língua. Estes Santaella (2007) chama de espaços intersticiais.

Uma das maiores contradições está no significado da palavra “escola”. Como já vimos, vem do grego e quer dizer lazer. Entretanto, temos ainda crianças que não gostam de frequentá-la por não ser atrativa. Não oferece lazer, não estimula. A estrutura física ainda é do século passado, em formato de caixotes e enfileiramentos.

Segundo dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE, pesquisa realizada com jovens digitais brasileiros, matéria divulgada no dia 28 de julho de 2014, o consumo da internet pelos jovens brasileiros em dez anos, entre 2003 a 2013 cresceu 50 %, saltando de 35% para 85% o número de jovens usuários da rede. A pesquisa ainda traz que, 17% possuem tablet em casa, 47% utilizam celular com smarphone e 93% têm acesso às redes sociais. Ou seja, os jovens de hoje tem um novo perfil, habitam e passeiam pela internet, têm acesso à informação, apresentam uma nova linguagem.

É fato que vivemos hoje em um novo contexto social. Os jovens de hoje possuem valores diferentes e esperam aprender de outras maneiras. O conhecimento tornou-se mais autônomo, democrático e as informações e ideias circulam rapidamente e de forma colaborativa, criativa e organizada. Diante desse contexto, percebemos que o mundo, a sociedade, a economia e a política mudaram e, neste contexto, uma nova roupagem é exigida

da escola. A escola, de cunho tradicional, precisa se adaptar ao novo elemento de contribuição ao ensino, que é a tecnologia. Ela vem se transformando através dos tempos para preencher as necessidades de uma sociedade, de um público pertencente a uma determinada época, cuja relação com o saber modifica e implica em novos rumos, novas formas de aprendizagem.

O papel da escola é fornecer estrutura para que o desenvolvimento da aprendizagem seja possível. Ao professor, cabe à função de mediar, auxiliar e motivar o aluno no processo de ensino-aprendizagem. Schneider (2002) afirma que o professor necessita assumir uma postura inteligente de ensino. Ao invés de ser o centro do saber, da verdade e atenção, deverá estimular os alunos a questionar e a pesquisar.

Portanto, deve-se acabar com os modelos prontos, os hábitos e as repetições, pois a inteligência e o conhecimento são construídos por descobertas e invenções. O professor deve fazer da sala de aula uma fonte de desequilíbrio para o aprendiz, promovendo interesse constante. Deve ainda, levantar o nível de relacionamento com a turma. A tecnologia, nesse processo de ensino e aprendizagem, funciona como apoio. Ela, por si só, não viabiliza a aprendizagem. É preciso mediação.

1.3 *Bullying*: reflexões sobre a escola, violência e a lei

A sociedade idealiza a escola como um lugar propício para aprendizagem, apropriado para o desenvolvimento de cidadãos preparados para a vida, trabalho, sociedade, os quais possam estar aptos para resolver problemas inseridos em suas comunidades, ou seja, têm-se bons olhos sobre o papel da escola e as oportunidades que tem para oferecer. Conforme Miriam Abramovay et alii, (2002, p. 42). A escola é vista, pelos alunos envolvidos na pesquisa, como um dos requisitos para obtenção de um bom emprego. Tem uma visão positiva a favor da escola, sendo esse um lugar que pode proporcionar, futuramente, melhores oportunidades para ajudar os pais e a família. Ou seja, ela não é vista como um espaço de vulnerabilidade ou violação de direito.

Espera-se que a escola seja um lugar propício para o desenvolvimento da aprendizagem, assim como propõe a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente. Sendo uma instituição de ensino e desenvolvimento da aprendizagem, ela deve zelar para que o ensino seja transmitido de forma saudável, livre de qualquer violência ou violação de direito. Pois se entende que a escola é lugar propício à boa conduta e construção do saber. Jamais um pai vai observar a

escola como um lugar onde seu filho vai encontrar vulnerabilidade e insegurança. Por obrigação, a escola deve estar atenta para afastar todo tipo de agressão, seja ela física ou verbal.

Os alunos, ao se deslocarem para as escolas de forma opcional, tendo ou não o interesse de aprender, os pais não imaginam que eles possam passar por situações desagradáveis. Eles entendem que a escola é um lugar de respeito, onde se busca o conhecimento e o crescimento pessoal. Os pais nunca esperam que a violência atinja seu filho.

Ainda de acordo com Miriam Abramovay et alii (2002, p. 27), nos últimos anos, houve o aumento do registro de atos de delitos, sejam eles de pequenas e grandes incivildades, nas escolas. Isso justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. Ela não seria mais representada como lugar seguro de integração social, da socialização. Não é mais espaço resguardado, ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. Assim, além de enfrentar problemas internos de gestão e precariedades variadas, que afetam o desempenho pedagógico, a escola passa por um período no qual a ideologia que a sustentou durante muitos anos é contestada.

A escola, uma instituição de ensino e aprendizagem necessária para o desenvolvimento da humanidade, pressupõe ser uma instituição capaz de propiciar aprendizagem significativa e promover interação entre alunos e professores. Deve zelar pela aprendizagem e bem estar da criança e do adolescente, entretanto, o que encontramos são casos de agressão e violação de direitos. Os pais não mais sentem-se seguros quanto ao envio de seus filhos à mesma. Segundo Miriam Abramovay et alii. (2002, p.33) apud Enguita, 1989.

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. A formação dos indivíduos deve ser integral, auxiliando-os no desenvolvimento de suas capacidades físicas, morais e espirituais. Por meio da ação educativa, o meio social exerce influência sobre os indivíduos, que se tornam capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora. Essa influência manifesta-se por meio de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados, transmitidos e recriados de uma geração a outra. A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica que favorecem ou não os processos informativos e de comunicação na escola. Nesse ambiente de diversidade, no entanto, também ocorrem brigas, atos de agressividade e de violência, e as medidas tomadas para solucionar os conflitos em geral cabem à direção da escola. Os procedimentos adotados são, em sua maioria, advertências, suspensões, transferências e expulsões, conforme a gravidade do caso analisado pela escola.

Infelizmente tem sido comum ver nos noticiários, casos absurdos de violência física, verbal entre alunos e professores. É inacreditável aceitar que a escola se transformou em um lugar inseguro e tenha sido palco de tanta violência. Na Escola Estadual Dr Airton Teles, por exemplo, o *bullying* tem sido algo frequente. É necessário aqui entender o conceito, causas e consequências dessa forma de violência.

Bullying é uma palavra de origem inglesa. Traduzindo para a linguagem portuguesa, significa valentão. Acontece quando há a ocorrência de uma relação desigual de poder, onde um submete o outro a constrangimento, ameaças, medo, entre outras ações. De acordo com o dicionário Aurélio, *bullying* significa: toda ação repentina com a intenção de machucar o outro, seja ela verbalmente ou fisicamente. Como Sinônimos podemos citar: intimidação, rejeição, intolerância, conspiração, perseguição, entre outros. Ou seja, é um ato violento que ocorre nas escolas de todo o mundo, sejam elas públicas ou privadas, tornando-se um problema grave e difícil de ser contornado, apesar do empenho entre educadores e gestores das escolas.

Nancy Day (1996: 44-45) define *bullying* como abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender. Ela comenta que quatro fatores contribuem para o desenvolvimento de um comportamento de *bullying*: 1) uma atitude negativa pelos pais ou por quem cuida da criança ou do adolescente; 2) uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente; 3) um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança ou o adolescente; e 4) uma tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante. Para ela, a maioria dos *bullies* são meninos, mas as meninas também participam. As meninas que são *bullies* utilizam, às vezes, métodos indiretos como fofocas, a manipulação de amigos, mentiras e a exclusão de outros de um grupo.

Assim podemos definir *bullying*, como agressões físicas ou verbais praticadas contra alguém considerado vulnerável em relação ao outro e traz consequências graves para o agressor e o agredido, conforme podemos observar nos conceitos abaixo:

[...] É um conjunto de atitude agressivas intencionais e repetitivas, que ocorre sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro, causando dor, angustia e sofrimento. Insultos, apelido cruéis, gozação que magoam profundamente, acusação injusta, anulação de grupos que hostilizam, ridiculariza, infernizam a vida de outro aluno, levando a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005, p. 25).

Esse tipo de violência é caracterizado por Fante, 2005 como “Fenômeno *bullying*”. Leão (2010), diz que esse fenômeno ocorre de forma velada, intencional e repetitiva, dentro de uma relação desigual de poder, por um longo período de tempo, contra uma mesma vítima, sem motivo evidente. O agressor adota comportamentos cruéis, humilhantes e intimidadores, trazendo consequências graves, irreparáveis, sejam elas físicas, psicológicas, emocionais ou comportamentais.

A identificação torna-se difícil, pois as crianças e os adolescentes nem sempre expressam de forma verbal que estão sendo violentados, geralmente por acreditarem que não terão apoio, por medo do agressor e também por vergonha dos colegas saberem. Isso faz com que se propaguem ainda mais a violência nas escolas. Os pais e professores devem estar atentos ao máximo para perceber qualquer atitude comportamental diferente. A criança ou adolescente que sofre o ato de violência provavelmente apontará alguma característica comportamental diferente, seja de forma violenta ou a ponto de torna-se mais retraído. Trevisol e Dresch (2011) acreditam que é necessário que o professor se coloque no lugar do aluno para ser possível a identificação dos casos de *bullying*.

A prática do *bullying* é causada pela necessidade do agressor se impor sobre o outro, tanto para mostrar poder quanto para satisfação pessoal. Há uma necessidade de autoafirmação, o tempo todo, perante si mesmo e em relação ao outro. Para que isso ocorra, o agressor se impõe sobre a vítima, considerada a parte mais frágil, e por acreditar que não irá apresentar defesa ou reação, conforme afirma Leão, 2010.

O *bullying* pode ser considerado algo inofensivo à vida da criança, a ponto de alguns professores não levarem “certas brincadeiras” a sério, por entender ser algo passageiro. Não dão a devida e necessária atenção ao acontecimento e a situação se tornar, a cada dia, maior e incontrolável. Entretanto, as consequências para a vida, tanto do agressor e do agredido, são graves. Leão (2010) aponta as seguintes consequências: O *bullying* gera, por vez, danos e traumas irreparáveis na vida da criança, podendo refletir desde logo, como por exemplo, baixa auto-estima, estresse, depressão, queda de rendimento escolar, pensamento de vingança contra o agressor e até o suicídio. Ao longo prazo, isto é refletido na constituição familiar, na criação dos filhos e dificuldade de se relacionar com os colegas de trabalho.

Historicamente falando, de acordo com Fante (2005), os primeiros estudos sobre *bullying* surgiram a partir da década de setenta, quando surgiram os primeiros casos de violência nas escolas entre agressor e vítima. Apenas com os estudos divulgados nos anos setenta e três, na Escandinávia, as famílias entenderam o grau de complexidade do tema, espalhando-se pela Suécia, Noruega e por toda Europa. Em 1981, foi divulgado pelos jornais

da época, na Noruega, um caso de suicídio de três crianças, provocado por situações de *bullying*, repercutindo pelo mundo. Em 1983, foram criadas campanhas pelo Ministério da Educação contra o problema de violência nas escolas da Noruega.

Fante (2005) traz como fundamentação teórica, a pesquisa do primeiro professor da Europa Dan Olweus (2001) que desenvolveu um estudo tentando diferenciar a prática de *bullying* de brincadeira de criança. A pesquisa apontou grande número de *bullying* dentro das escolas. De sete alunos entrevistados, um sofria violência na escola. Esse estudo contribuiu para a promoção da campanha nacional contra a prática de *bullying* entre as crianças e jovens, que segundo relato, diminuiu em 50% os casos, impulsionando campanhas em outros países da Europa. O autor propôs, em seu trabalho, maior atenção ativa dos pais e professores e a criação de regras para alunos.

Segundo afirma Fante (2005), no Brasil, o *bullying* é pouco estudado, o que torna complicado comparar os índices de casos daqui com outros países. A falta de estudo, segundo o autor, faz com que o Brasil tenha um atraso de quinze anos, se comparada aos demais países da Europa. É importante destacar que apesar de algumas pessoas verem o *bullying* como brincadeira de criança, não é. E a falta de devida atenção faz ampliar os casos de violência. Entende-se como algo passageiro e inofensivo, porém, as consequências são muitas e ocorre a médio e longo prazo. O *bullying* traz consequências graves na infância e se perdura para a vida adulta. Não existe um alvo específico, qualquer aluno de diferente classe está sujeito a sofrer *bullying* e pode ocorrer em qualquer ambiente.

É preciso entender que o *bullying* ocorre de forma velada e a pessoa agredida sofre calada. Os traumas decorrentes da agressão se estendem para a vida toda e ocorrem dificuldades de relacionamento e interação com outras pessoas, além de outras situações. Leão, 2010, p. 123, aponta que o comportamento agressivo ocorre pela falta da presença familiar na vida do agressor. É importante que os pais acompanhem os seus filhos mais de perto, é indispensável que eles estejam próximos para identificar atitude comportamental diferente do comum.

Fante (2005, p. 76) entende a necessidade de que os pais devem refletir sobre sua própria conduta em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa. Os pais precisam entender e se darem conta de que certo comportamento manifestado pelo filho é aprendido em casa, com a interação familiar, percebida e absorvida por eles.

Chalita (2008 apud Leão 2010) aponta dois tipos de *bullying*, o direto e o indireto. O direto ocorre com mais frequência entre o sexo masculino, são insultos, xingamentos,

apelidos, racismo, tapas chutes por período prolongado. Já o indireto é mais comum entre as meninas, provoca isolamento social, gera traumas profundos e irreversíveis, são difamação, fofoca, boatos cruéis, indiferenças e os meios de comunicação são relevantes para propagar os comentários cruéis, os chamados *Cyberbullying*.

Fante (2005, p. 76) traz definições para os protagonistas da prática do *bullying*. Ele divide em três grupos: O agressor, aquele que vitimiza o mais fraco, consegue apoio de outros, também agressor. Humilha e ridiculariza para manter popularidade, geralmente em situações de risco como, drogas, brigas e álcool. A vítima se divide em três: típica, pouco sociável, aparência física frágil, sensível, tímida, insegura, autoestima baixa, dificuldade de aprendizagem; Provocativa, reage à agressão mesmo sem poder lidar com a situação, é imperativa, inquieta, dispersiva e ofensiva; Agressor, reproduz os maus tratos sofridos em outras vítimas. Por fim, os espectadores assistem tudo e não se manifestam, seja para defender a vítima ou para denunciar. Chalita (2008 apud Leão 2010) afirma que esse tipo de protagonista, na fase adulta pode se tornar egoísta.

O *bullying* causa impacto negativo na autoestima do aluno e afeta a aprendizagem, alguns autores se dedicaram a entender o que levam os alunos a praticarem o ato violento. Pesquisas apontam que um dos fatores que contribui para isso é a violência doméstica, ou seja, há uma correlação direta entre *bullying* e violência intrafamiliar. Revela que a maioria dos agressores é do sexo masculino e a agressão mais comum é a do tipo verbal e direta.

Outros estudos apontam a importância da escola para prevenir os casos de *bullying* e esclarecem a necessidade de preparar os profissionais que estão diretamente envolvidos com os alunos. Nesse caso, os professores apostam na qualidade da relação aluno-professor para combater o *bullying*. Para isso, seria necessário incluir o assunto como parte do conteúdo escolar. Menegotto, Pasini e Levandowski (2013), propõem como é possível a identificação e a prevenção, para combater os casos de *bullying*. Primeiro, há necessidade de um trabalho preventivo, no sentido de minimizar os problemas sociais e as dificuldades de aprendizagem. Há relatos que aponta a importância e a atuação da psicopedagogia para intervir nas relações interpessoais dos alunos e a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas que envolvam professores.

É preciso envolver professores, conselho tutelar e família. Todos engajados na tentativa de solucionar e também analisar as transformações sociais e entender como a relação está sendo construída. Entender as causas dentro de um contexto social. Por fim, é preciso que a escola esteja atenta aos casos de *bullying*, sendo necessário preparar os professores para

saber lidar com o problema e trabalhar não somente os conteúdos pautados em diretrizes, mas desenvolver princípios de respeito e tolerância.

Para entender violência no contexto escolar é preciso entender e levar em consideração que existem problemas externos e internos a serem observados é preciso

Compreender e explicar o fenômeno das diversas violências nas escolas convém recorrer a aspectos tanto relativos ao interior quanto ao exterior das escolas, como características das vítimas e dos agressores assim como as diferentes instituições e ambientes pelos quais os estudantes circulam. Entre os aspectos externos (chamados pelos especialistas de variáveis exógenas), é preciso levar em conta, por exemplo: · questões de gênero (masculinidade/feminilidade); · relações raciais (racismo, xenofobia); · situações familiares (características sociais das famílias); · influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.); · espaço social das escolas (o bairro, a sociedade). (ABRAMOVAYET ALII, 2002, p. 24).

Também devem ser levados em consideração os aspectos internos, que influenciam em atos de violência:

Entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), devesse levar em consideração: a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; As regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições; comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral. (ABRAMOVAYET ALII, 2002).

Couto, 2008, em sua pesquisa: *“violência de gênero no cotidiano escolar: Estudo de caso de uma escola da Rede pública Estadual de Sergipe”*, verificou, em uma escola pública do município de Nossa Senhora do Socorro, um tipo de violência diferente, a violência de gênero. Ao se deparar com a realidade da escola, a mesma se encontra em situação de desordem, agressão, relação social entre alunos marcada por violência. A comunicação se faz por violência verbal, xingamentos, apelidos, gritos, agressão corporal, pontapés, pedradas, antes e durante a aula, tornando-se difícil o contorno. Os alunos se dirigem aos professores e funcionários de maneira agressiva, depredam banheiros e salas. O mais frágil demonstra, nos olhos, medo. As meninas são alvo de piadas, perseguição, apelidos, denominações sexuais.

Toda criança tem garantido, por lei, pela Constituição Federal e através do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma série de direitos, entre alguns deles: Direito a vida e a saúde, direito a liberdade, dignidade e respeito, direito a ter uma boa convivência familiar e social saudável, direito a cultura, esporte e lazer, entre tantos outros direitos assegurados por lei. Entretanto, a realidade aponta que muitos desses direitos, quando não a maioria, não estão sendo assegurados, seja por falta de informação dos pais ou responsáveis ou até mesmo por culpa da sociedade. Todos que observam atos de abandono, descaso e violência, fecham os

olhos, negligenciam, deixam para traz a consciência de cidadão, não somente de direito, mas também de deveres.

O Estatuto da Criança e do Adolescente rompe explícita e definitivamente com a chamada Doutrina da Situação Irregular, substituindo-a pela Doutrina da Proteção Integral. Esse Estatuto foi criado em 13 de julho de 1990, com o objetivo de assegurar proteção e apoio para o desenvolvimento da criança, conferindo cinco direitos básicos, entre eles: direito a vida, saúde, liberdade, respeito e dignidade, convivência familiar e comunitária, educação cultura e lazer, profissionalização e proteção no trabalho. Cabe a sociedade, comunidade e órgãos públicos assegurar esses direitos às crianças, garantido assim o seu pleno desenvolvimento social e profissional.

Nós, enquanto professores devemos se aproximar dos alunos e ajudá-los tanto no contexto social e familiar, bem como na questão de aprendizagem. No processo de ensino e aprendizagem do aluno, é importante antes de julgá-lo, lembrar-se que o saber é construído individualmente e socialmente, existe uma história, uma herança cultural, um habitus em cada indivíduo. Agindo assim estaremos contribuindo para a manutenção de um bom ambiente educativo, com garantia de direitos, deveres, e principalmente, amizade e respeito. Isso pode diminuir ou até mesmo anular a violência e o *bullying* escolar.

CAPÍTULO 2: O AMBIENTE ESCOLAR E OS ALUNOS

2.1 O ambiente escolar

A Escola Estadual Dr. Airton Teles está situada na Praça General João Pereira, nº. 652, no município de Itabaiana, no Estado de Sergipe. Pertencente a rede estadual de ensino, jurisdicionada à DRE-03. Sua denominação é uma homenagem ao ilustre Dr. Airton Teles de Mendonça, médico e político, nascido nessa cidade, deixando o exemplo de força e otimismo para a comunidade escolar.

Segundo Dicionário Biográfico de Médicos de Sergipe (2000)³, Dr. Airton Teles, nasceu em 07 de outubro de 1924, em Itabaiana/SE. Filho do líder político Manoel Francisco Teles e Maria de Mendonça Teles, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1947. Foi deputado estadual de 1951 a 1954 e suplente de deputado federal de 1955 a 1959. Assumiu o cargo no lugar de José Conde Sobral, morto em acidente. Médico do Hospital Cirurgia, foi casado com Aída Leite Teles, filha do senador Júlio Leite. Faleceu em 25 de junho de 1960, com 35 anos de idade, em desastre aéreo no estado da Guanabara, sendo sepultado em Itabaiana/SE. Por ser um homem de importância para a cidade, ser de família nobre e ter dedicado sua vida para o trabalho e para o povo itabaianense enquanto médico e político, foi homenageado com o nome da escola na década de sessenta.

O município de Itabaiana está situado na região do Agreste Sergipano, a cidade foi fundada em 1675 e está a 188m de altitude, a 54 km de distância de Aracaju e, em 2007, o IBGE estimou sua população em 81.826 habitantes. O clima é semiárido e é conhecida como a capital do Caminhão, pois tem o maior percentual de caminhões do Brasil (relação entre o nº de caminhões e o nº de habitantes). Campo do Brito, São Domingos, Ribeirópolis, Moita Bonita e Frei Paulo, que são municípios, já foram distritos de Itabaiana. É a quarta maior cidade do estado, sendo superada por Aracaju, São Cristóvão e N. Senhora do Socorro, todas na região metropolitana de Aracaju⁴.

Suas atividades diversificadas e a rota comercial fazem de Itabaiana a intermediária do fluxo de sua produção entre Aracaju (capital do estado) e o sertão, atraindo migrantes de toda parte do Brasil. A agricultura se intensificou a partir da década de 1980, através da implantação de perímetros irrigados como Jacarecica e Ribeira. Esses perímetros são

³Retirado do site:<http://linux.alfamaweb.com.br/asm/dicionariomedico/dicionario> em 25/08/2014.

⁴Informações obtidas no blog Fontes da História de Sergipe, disponível em: <http://fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2010/05/historia-de-itabaiana-para-o-concurso.html>, acessado em 10 de setembro de 2015.

cultivados por pequenos agricultores e neles são produzidos cereais, frutas e verduras, que abastecem todo o Estado.

O município é um grande produtor de mandioca, batata-doce, tomate e cebola. Também possui um centro distribuidor de produtos agrícolas que funciona no mercado hortifrutigranjeiro criado em 1991 e exerce uma grande atuação na microrregião. Esse mercado foi criado com o objetivo de organizar melhor a feira, já que é dela que muitas pessoas tiram o sustento. Na pecuária, destaca-se pela criação de aves para abate e ovos. O setor industrial é de pequeno porte: calçados, bebidas, cerâmica, móveis, algodão, alumínio, carrocerias de caminhões e implementos rodoviários. Temos também o Curtume São Lourenço, fazendo até comércio de exportação.

FONTE, (2000) afirma que a feira, uma importante atividade econômica, atrai pessoas de todas as regiões circunvizinhas, por possuir uma grande variedade de produtos de qualidade. Ela é conhecida por todas as cidades circunvizinhas. As feiras ocorrem aos sábados e quartas-feiras (a de sábado existe desde 1888). Quando o líder político era José Sebrão Carvalho, a feira era na Praça Fausto Cardoso, pois ele tinha casa comercial ao lado da igreja. E quando seu rival dominava, a feira passava para o largo Santo Antônio, a mesma continuou por muito tempo sem um local fixo. Apenas em 1928 foi definitivamente mudada para o Largo Santo Antônio, onde continua até hoje e, com o crescimento da feira, fez-se necessário à criação do Largo José do Prado Franco.

No setor educacional, Itabaiana teve como figura importante a presença de Tobias Barreto, que lecionava latim para os alunos de um notável poder econômico daquela época. Mesmo com a ampliação da instrução pública, não atinge todos os graus de ensino, somente o primário. Só em 1949 é que foi surgindo o Ginásio (5º ao 9º ano) e, em seguida o 2º grau. Hoje possuímos 62 escolas de ensino infantil (3.546 alunos), 80 de ensino fundamental (16.474 alunos), 6 de ensino médio (2.581 alunos) e três Universidades, sendo uma particular (UNIT) e outra Federal (UFS), além do Projeto de Qualificação Docente (PQD).

Itabaiana apresenta um mapa de instituições que compõe uma rede de proteção ao direito da criança e o adolescente. Sendo algumas dessas instituições: A escola estadual Dr. Airton Teles de Mendonça, Escola estadual Nestor Carvalho, Pré Escola Lenita Porto, Creche Vovô Nininha entre outros. A Escola Estadual Dr. Airton Teles de Mendonça, no ano de 2013, apresentou dez casos de violência verbal registrado e vendas de entorpecentes na porta da escola. Um indicador que prova a atuação da escola na rede de proteção é o direcionamento dos casos mais graves ao Conselho Tutelar. Os alunos são orientados, aconselhados, ouvidos e, os casos mais graves, são encaminhados para tratamentos

psicológicos. Alguns membros da família participam de palestras semanais e são orientados. Os casos de lesões são encaminhados para o Ministério Público.

A Escola Estadual Dr. Airton Teles, foi inaugurada no ano de 1969 e autorizada a funcionar de acordo com a Resolução nº 35/ 76, de 20 de maio de 1976, como Grupo Escolar Dr. Airton Teles, ministrando apenas o ensino fundamental de 1º a 4º série, cujo o CGC é 01.899.788/0001-82. Na formação crescente da zona suburbana, tornou-se necessário criar uma unidade escolar para atender a população. Na época, estava se expandindo essa unidade para favorecer a educação a classe menos favorecida, com o objetivo de oferecer instrução.

Através do decreto nº.8881/87, foi transformado em escola de 1º Grau Dr. Airton Teles e autorizada a funcionar de 5º a 8º série através da Resolução 312/90. Com a Resolução 145/2000, foi autorizada a mudança de denominação de unidade escolar passando a ser Escola Estadual no dia 06 de dezembro de 2007. Através da Resolução nº 502 foi aprovado à implementação do ensino fundamental de nove anos.

Devido a um grande número de alunos apresentarem distorção de idade e série, para atender à demanda, foram implantados em 2005 os Programas: Se Liga, Acelera e a Educação de Jovens e Adultos. Apesar de ser aprovada em 2007, a implantação do ensino de nove anos, o ensino de 5º ao 8º ano vem ocorrendo de forma gradativa e, em 2009, a escola passou a atender a Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio.

A escola oferece Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, sendo 215 alunos do 6º ano, 164 do 7º ano, 105 do 8º ano e 91 alunos do 9º ano. Por causa da disparidade entre idade e série, a escola passou a oferecer Ensino de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental (EJAEF), possuindo 213 alunos matriculados e Educação de Jovens e Adultos do ensino Médio (EJAEM), com 173 alunos.

A área da escola é de 2871 m², sendo 1.378 m² de área construída, possui salas de: estudo, da direção, de professores e outra para a coordenação. Cozinha, um almoxarifado, dez salas de aula, trinta e nove professores, três coordenadores, um diretor e uma secretária. A escola tem comitê escolar atuante e as reuniões ocorrem a cada seis meses ou, em casos imediatos, ou seja, quando é preciso solucionar ou resolver algo. O comitê escolar conta com a presença de dois pais, alunos, professores e auxiliar de serviços gerais. A escola não é aberta nos finais de semanas para a comunidade.

A escola Dr. Airton Teles é de médio porte, possui merendeira, servente, auxiliares, três porteiros, um para cada turno. Possui Projeto Político Pedagógico atuante, regimento escolar. Porém, quanto a este último, os alunos parecem desconhecer-lo. A coordenação afirma tê-lo apresentado aos alunos no início do ano letivo. Referente à parte física, as salas de aula

são ventiladas, forradas e com revestimento nas paredes. Os alunos reclamam das carteiras cheias de poeira e existe uma sala de multimídia pouco utilizada, no período de observação, ela sempre estava fechada. A sala de estudos também fica sempre fechada, os alunos não pegam livros para leitura ou pesquisa, há poucos exemplares. O pátio é pequeno, há refeitório com mesas para servir a merenda que é servida diariamente nos três turnos. Há dois banheiros um masculino outro feminino.

Conforme dados fornecidos pela coordenação pedagógica e por meio das observações, referente à Organização Pedagógica, os professores utilizam textos e livros didáticos. Os livros são entregues para todos os alunos no início do ano letivo, para quase todas as disciplinas e séries. A escola, durante o ano letivo, desenvolve e realiza projetos, sempre associados às necessidades imediatas da comunidade, a exemplo da dengue, do uso adequado da água, entre outros.

O calendário escolar é desenvolvido pela equipe pedagógica, levando em conta as especificidades locais e necessidades legais. A organização dos horários de trabalho pedagógico e reuniões pedagógicas são organizadas de acordo com a necessidade da escola, conforme as peculiaridades. Os planos de ensino são elaborados pelos professores, orientados e revisados pela coordenação pedagógica. Geralmente são feitos em casa.

As avaliações são utilizadas para medir o desenvolvimento dos alunos e a recuperação sempre ocorre, a depender de sua necessidade. As avaliações envolvem questões objetivas e subjetivas e trabalhos extracurriculares, sendo a pontuação dividida entre avaliação e trabalhos. Os assuntos mais abordados nas reuniões de pais são: rendimento escolar, comportamento e, principalmente, a indisciplina escolar.

As instalações do local da merenda é um local limpo, porém o espaço é pequeno. Tem bebedouros e os banheiros são riscados. O espaço reservado ao esporte, a quadra poliesportiva, é muito simples e pequena. Não é coberta e os alunos reclamam da falta de estrutura da mesma. Referente a indicadores de qualidade, a escola se apresenta em uma situação muito crítica. Os dados de desempenho no ano anterior não conseguiram atingir a média mínima estabelecida, precisando melhorar os referenciais de eficiência e eficácia, precisando dar um salto para o bom rendimento. A taxa de reprovação está entre o crítico e muito crítico o quadro de professores não esteve completo no último ano, portanto, não há resultado satisfatório nessa unidade escolar.

Como meta para melhorar esses índices, foi estabelecida metas de ações para o ano de 2014 e 2015, com a intenção de elevar o nível da educação e diminuir a reprovação, entre eles: Plano anual com base no PPP, atividades que motivem os alunos, projetos

interdisciplinares, atividades lúdicas, reuniões de estratégias com professores, realizar oficinas, novas metodologias, revisar o currículo, entre outros.

Referente ao Regimento Escolar, no que diz respeito à convivência escolar, ampara-se na Constituição e no ECA. Fica claro, no art. 83, que a convivência deve se efetuar de forma a respeitar a liberdade, a justiça, o direito de todos, de democracia e responsabilidade individual de todos. Ficando proibido discriminar, estimular a competitividade, portar armas, causar dano, portar livros imorais, trajar-se inadequadamente.

Analisando sobre a luz do material da UNICEF, referente aos conceitos necessários para a qualidade escolar, pode-se dizer que a escola precisa ser melhorada para entrar no quadro de uma escola de qualidade. Apesar de existir uma série de coisas, há muitas outras que precisam funcionar: o comitê, por exemplo, o grêmio estudantil, a gestão democrática, melhorar a parte física e estrutural da escola, fornecer recursos adequados de trabalho para os professores e alunos.

Um ponto relevante a ser tratado que a escola possui, porém é pouco utilizada, é a sala de multimídia. Um dos pontos citados na entrevista focal, com os alunos, foi à existência dela. Todos os alunos argumentam o quanto gostaram das raras experiências tidas nessa sala e disseram ter aprendido mais do que nas aulas expositivas frequentes, contam suas satisfações da aula. Afirmam que gostariam que as aulas fossem mais dinâmicas e atrativas como na sala de multimídia. Apesar de gostarem muito desse tipo de aula, disseram que raramente os professores utilizam esse recurso pedagógico. Para serem mais exatos, segundo eles, apenas uns professores utiliza a sala de multimídia.

Sobre as observações referentes ao contexto escolar, percebe-se que a relação professor-aluno é regular e o que mais ocorre são conversas paralelas. Há violência entre os próprios alunos. Os xingamentos e apelidos é algo comum entre eles. Existe falta de atenção e entusiasmo por parte da maioria e os professores lutam para conseguir chamar atenção dos alunos. Sempre que necessário, a direção tenta resolver da melhor forma possível através do diálogo.

Os casos de violência não são encaminhados para o conselho tutelar, pois são resolvidos na própria escola. As famílias são informadas e tudo se resolve no ambiente escolar. O caso mais grave de violência ocorreu no ano de 2013, a coordenadora relatou que um aluno da própria escola entrou com uma arma ameaçando outro aluno. Esse caso não consta nos registros específicos do Conselho Tutelar ou delegacia, por ter sido resolvido na própria escola. O outro caso de violência verbal ocorreu esse ano, recentemente, quando um aluno agrediu verbalmente uma professora ao sair da escola, pelo fato dela ter repreendido por

frequentemente estar na porta da sala de aula. Segundo a professora, ele atrapalhava a atenção dos demais. O aluno se sentiu ofendido e revidou no final da aula, com agressões verbais.

2.1 Os alunos

Os alunos escolhidos para participar do grupo focal foram os alunos do 9º ano. A escolha dessa série se justifica por se acreditar que há jovens mais maduros, com uma visão mais reflexiva sobre educação e os pontos a serem abordados no grupo focal. Entretanto houve muita dificuldade para desenvolver essa entrevista. Todos os alunos matriculados no 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, foram convidados para participar do grupo focal. Mas apenas 06 quiseram participar e expressar suas opiniões. No grupo focal, percebemos a fragilidade e dificuldade dos alunos de se expressarem. No começo, eles estavam muito retraídos, repetiam as perguntas semiestruturadas anteriormente. Foi possível sentir que eles tinham dificuldade para argumentar, não se sabe se por medo ou mesmo fragilidade de análise, reflexão e discussão sobre os assuntos.

Foi difícil convencer os pais a assinarem a carta de consentimento, alguns ficaram com medo, pois se sentiram ameaçados em expor o número dos seus documentos. Talvez tenha sido essa a maior dificuldade em encontrar pessoas para participar do grupo focal. Por mais que tenha explicado a importância e a seriedade do trabalho, após esse momento marcamos o encontro do grupo focal. A nossa conversa se iniciou com uma pergunta simples e muito importante para identificar o sentimento dos alunos sobre a escola. Ao perguntar sobre o que pensavam sobre educação, se gostavam ou não de estudar, três, dos seis, disseram sim, de forma rápida sem muito pensar. Já os outros três, de forma mais demorada, disseram que mais ao menos.

Uma das perguntas foi referente ao hábito de ler, se eles lêem com frequência e o que já tinham lido e se as experiências com a leitura tinham sido proveitosas. Cinco apontaram rapidamente não ter o costume de ler e não sabiam identificar qual o último livro. Apenas uma apontou o gosto pela leitura, identificando o último livro, o qual considera ótimo, Cidades de Papel. Diante disso foi possível identificar que a leitura não faz parte do cotidiano da maioria. Na sequência, outro assunto foi mencionado, a disciplina preferida, as citadas foram: Educação física, Geografia, Ciência, Inglês, Matemática e Química, segundo os alunos, por terem maior facilidade em entender.

Também foi perguntado o que eles achavam que precisaria melhorar na escola. Disseram que precisa melhorar muita coisa como: organização, limpeza, qualidade da merenda escolar. Cita a importância de ter mais funcionários, mudar a maneira de ensinar, ter menos aulas expositivas, utilizar mais a sala de multimídia, utilizar menos giz, quadro e apagador. O aluno um afirma: *“Chega a dar sono, ficar ali sentada olhando para o professor só ouvindo. Deveria ser mais descontraída, focada em um assunto só. Repetitivo, chega a ser cansativo”*. Aluno dois: *“Tinha que ser mais divertida, que chamasse a atenção do aluno. Aulas menos expositivas, colocar filmes, vídeos, uso da internet. Alguns usam, mais é muito pouco”*.

Eles apontam a falta de interação entre professor/aluno e o fato dos professores não utilizarem outros recursos como um dos pontos que contribuem para a dificuldade de aprendizagem. Relata um deles: *“Devia mudar um pouco, sair da sala, estudar em outros espaços, usar tecnologia. Dificilmente a gente vai para o laboratório, deveria ter mais aulas assim...”* *“A coordenação muda direto. Agora mesmo, entrou uma e nem sei quem ela é. Nem passou nas salas... passamos dois anos sem professor, muito horário vago. Final do ano, junta a nota e passou sem saber nada...”*

Outro ponto de reflexão dentro do grupo focal foi sobre as visitas no bairro e na cidade, para que os alunos conheçam e aprendam a usar os equipamentos públicos da região (postos de saúde, hospitais, parques, praças, monumentos, museus, bibliotecas, centros culturais, conselho tutelar, vara da infância, etc.). Sobre esse ponto, todos os alunos disseram nunca ter participado das visitas nos locais acima citados. Afirmam que apenas um professor os levou para visitar o museu da cidade uma única vez. Relata um deles: *“se não fosse ele, era para viver só na sala de aula”*.

A escola não se mantém aberta aos finais de semana para que a comunidade possa usufruir do espaço. Não há grêmio estudantil nem nenhum outro tipo de grupos juvenis participando da tomada de decisões na escola e ajudando os alunos a se organizarem. Todos declararam não saber o que seria esse grêmio. A participação dos pais nas reuniões pedagógicas é pouco, uma das entrevistas relata que a maioria dos pais trabalha e não tem tempo de acompanhar a vida escolar dos filhos. As reuniões são semestrais. A escola não promove festas com a participação dos pais, alunos, professores e funcionários.

Todos os funcionários são tratados com respeito pela maioria dos estudantes e vice versa. A falta de respeito existe entre alunos, eles apelidam, brigam uns com os outros verbalmente. Os entrevistados demonstraram ver a escola como a esperança de dias melhores,

a possibilidade de trabalho para o futuro. “... tem professor que estimula a gente vim a escola, outro não, eu venho para aprender para ter emprego no futuro, ta tudo muito difícil.”

No que se refere ao relacionamento entre alunos e professores, ficou claro na entrevista focal, que a maioria dos professores conversa pouco com os alunos. Na entrevista, os alunos demonstram insatisfação e acham que a relação entre eles deveria ser melhor. Declara um dos deles “*os professores deveriam se aproximar mais dos alunos*”. Alguns alunos não tratam muito bem os professores e os funcionários da escola. Alguns deles não valorizam os profissionais e agem de forma rude ou com agressão verbal. Chamam “nome”, apelidam, ou seja, não consideram os profissionais importantes e indispensáveis para o desenvolvimento da escola.

De acordo com os entrevistados, apenas alguns professores tratam os alunos com muita atenção e respeito ou brincam e dão conselho, ajudam, tiram dúvidas são respeitosos. Entretanto, outros são fechados, mal falam com os alunos, não demonstram afeto é como se existisse uma diferença que separasse a relação entre ambos. Eles afirmam que o ambiente da escola não favorece a amizade entre alunos e alunos; entre professores e alunos; entre os professores e professores.

A relação com os colegas é considerada mais ou menos, consideram os colegas chatos. Ou seja, existem alunos que os apelidam, brigam e, por isso, as pessoas preferem se afastar para evitar confusões maiores. Eles afirmam que alguns alunos não sabem se comportar e por isso alguns professores evitam desenvolver atividades diferentes ou fora da escola.

Uma das reclamações dos participantes da entrevista focal é que existe uma diferença relacionada ao tratamento entre alunos, ou seja, nem todos são tratados igualmente. Mas outra entrevistada discorda dessa opinião ela declara: a coordenação tenta resolver os problemas, independentemente de as pessoas serem negras, brancas, indígenas, pessoas com deficiência, ricas ou pobres, homens ou mulheres, homossexuais ou não. Quando os alunos têm atitudes preconceituosas ou discriminatórias, como fazer brincadeiras ou usar apelidos que humilha seus colegas, conversa-se primeiro com ele para que o caso não se repita. A depender da situação, o aluno é suspenso e os pais são avisados.

Os alunos afirmam que existem regras de convivência na escola e elas são claras e conhecidas. Porém, não são respeitadas pela maioria da comunidade escolar. Apesar dos alunos saberem que algumas condutas são erradas, mesmo assim, eles acabam praticando. Por isso, são punidos, a depender do grau de transgressão da regra.

Todos os entrevistados afirmaram que planejam dias melhores para o futuro e pretendem se torna bons profissionais. Querem ter sua independência financeira e estabilidade, ou seja, eles vão à escola com a intenção de vencer na vida. Considera a escola um lugar apropriado para a aprendizagem, onde pode oferece-lhes dias melhores e boas oportunidades. Tanto os alunos quanto os pais, têm a escola como lugar adequado para a promoção de um futuro melhor. Todos os alunos que participaram da pesquisa declararam que pretendem progredir nos estudos e acreditam que a escola ajudará, pretendem fazer faculdade com o objetivo de ter um trabalho e uma vida melhor.

CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO

Apresentação e Justificativa

Nos dias atuais, a educação pública em nosso país tem enfrentado problemas, no que diz respeito à indisciplina, à falta de interesse e à violência no âmbito escolar. E o grande desafio hoje é romper com a violência que tem adentrado e se tornado um agravante dentro e fora do espaço escolar. Essa situação traz uma grande preocupação e exige uma atenção de todos os responsáveis pelo sistema educacional, para reverter essa situação. Embora esses fatos não sejam novos, o preocupante é que casos dos mais diversos tipos de violência vêm crescendo dentro do espaço escolar.

A cada dia, os alunos demonstram comportamentos e atitudes cada vez mais agressivos com os colegas, ferindo tanto a integridade física quanto psicológica, de alunos e professores. Diante dessa situação, alguns profissionais da educação vêm se sentindo desestimulados e frustrados. Infelizmente, essa realidade é algo comum nas escolas e o diagnóstico da Escola Estadual Dr. Airton Teles, escolhida para análise, não é diferente disso. É por esses motivos que há necessidade de uma investigação consciente para diminuir o fenômeno *bullying*, no ambiente escolar. Portanto, foi desenvolvido o projeto de intervenção no intuito de minimizar e buscar as possíveis alternativas para transformar essa realidade.

A necessidade de intervenção educacional nessa instituição é o fato de a mesma, desde a sua construção, ter enfrentado grandes desafios. Dentre eles estão à falta de interesse dos alunos em relação ao aprendizado e as constantes agressões verbais, por parte dos mesmos uns com os outros. Essa problemática não é uma exclusividade apenas dessa escola, infelizmente, existe várias com esse diagnóstico.

Objetivo geral

Este Plano de intervenção tem o objetivo de identificar os fatores que tem causado a violência verbal na Escola Estadual Dr. Airton Teles e detectar a deficiência de limites, valores morais e éticos no contexto social que os alunos estão inseridos. O público alvo será os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, dos turnos matutino e vespertino.

Objetivos específicos

- * Identificar os diversos tipos de agressões verbais no contexto escolar;
- * Entender e analisar as causas dessas agressões;
- * Proporcionar intervenções pedagógicas adequadas à valorização e respeito do indivíduo;
- * Desenvolver atividades pedagógicas que desenvolvam a afetividade e a socialização;
- * Discutir o tema com toda a comunidade escolar, como forma de conscientização em busca de uma melhor relação no âmbito escolar;
- * Prevenir comportamentos discriminatórios, preconceituosos e intolerantes;
- * Refletir as diferentes teorias que tratam dos diversos tipos de agressões verbais na escola;
- * Despertar na direção, coordenação e nos professores o interesse para mediar os conflitos e desenvolver ações afetivas com os alunos.

O Projeto de intervenção será desenvolvido no decorrer do ano letivo e as atividades serão desenvolvidas de forma lúdica, participativa e informativa. A proposta deste projeto será apresentada aos professores e alunos da escola. Abordará, como principal ponto de intervenção, o fenômeno *bullying* e suas consequências na vida dos envolvidos, bem como a importância dos valores éticos nas relações entre os alunos para proporcionar um espaço escolar seguro e democrático. Serão realizados encontros envolvendo os profissionais da educação, os alunos e os pais. Teremos como base a realidade social da escola e o diagnóstico foi feito através de observação e aplicação de questionário aos alunos.

Também, apresentaremos propostas de intervenção voltadas para outros indicadores de qualidade da educação, que durante a pesquisa, mostraram-se como “pontos fracos” da escola. São eles: ambiente educativo; ensino e aprendizagem da leitura e da escrita; prática pedagógica e avaliação; e gestão democrática.

Apresentamos a seguir um quadro geral, de acordo com a proposta apresentada nos Indicadores da Qualidade de Educação da UNICEF (2007) e, posteriormente, as ações a serem desenvolvidas de acordo com o indicador, apresentando o principal objetivo e a metodologia a ser adotada para sua realização.

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ambiente Educativo	<i>Bullying</i>	Existem casos de <i>bullying</i> entre os alunos.	Construir uma comissão mista para o estabelecimento de regras de convivência.	Direção, coordenação, professores e alunos devem eleger os representantes	Primeiro semestre letivo do ano
		Os alunos mantêm uma relação de desrespeito, brigas e xingamento.	Realizar ciclo de palestra com alunos, pais e professores sobre o <i>bullying</i> (o que é, problemas e como evitá-lo)	Um professor, junto com a coordenação, deve elaborar um projeto de palestras e convidar especialistas para a participação	Primeiro semestre letivo do ano
			Atualizar as regras de convivência com os alunos	Coordenação	Contínuo – durante todo o ano letivo

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ambiente Educativo	Convivência entre professor-aluno	Falta de afetividade na relação professor-aluno.	Construir uma comissão mista para o estabelecimento de regras de convivência.	Direção, coordenação, professores e alunos devem eleger os representantes	Primeiro semestre letivo do ano
		Relacionamento hostil e de abuso de autoridade.	Elaboração de projeto sobre “Talentos na Escola”, com a participação dos alunos e professores.	Professores e coordenação devem elaborar e promover o projeto com a participação dos alunos	Primeiro semestre letivo do ano

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ensino e aprendizagem da leitura e da escrita	Leitura	Os discentes não possuem o hábito de ler.	Fazer um “cantinho para a leitura”, disponibilizando livros, revistas, gibis, etc, para os alunos em momentos específicos, como intervalo e horário vago.	Coordenação	Contínuo – durante todo o ano letivo.
			Apresentação teatral – feita pelos alunos com orientação dos professores a partir de uma obra escolhida – romance, conto, crônica, etc.	Professores	Segundo semestre letivo.
			Organizar e disponibilizar horário e livros para empréstimo na biblioteca da escola	Direção	Contínuo – durante todo o ano letivo.

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Prática Pedagógica e Avaliação	Desmotivação nas aulas	Poucos projetos escolares	Procurar desenvolver projetos multidisciplinares ao longo do ano letivo	Coordenação e professores	Contínuo – durante todo o ano letivo.
		Falta de recursos pedagógicos	Organizar e disponibilizar recursos pedagógicos para os professores	Direção	Contínuo – durante todo o ano letivo.

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Gestão democrática	Falta de participação de pais e alunos	Não possui grêmio escolar.	Realizar processo eleitoral e propiciar a atuação do grêmio estudantil.	Direção e Coordenação	Contínuo – durante todo o ano letivo.
		Não há registros de atuação do Conselho Escolar.	Incentivar a atuação do Conselho Escolar.	Direção e membros do Conselho Escolar	Contínuo – durante todo o ano letivo.

Ação 1: Ambiente Educativo

Objetivo: Criar e divulgar regras de convivência entre os alunos e os professores no ambiente educativo e promover atividades recreativas, que permitam a prática da afetividade entre os alunos e professores.

Metodologia: Construção de regras de convivência, atualizando o regimento escolar, de forma que toda a comunidade escolar participe. Elaboração de projetos, como exemplo: “Talentos na Escola”, que permitam a participação de toda a comunidade escolar, principalmente alunos e professores.

Ação 2: Ensino e Aprendizagem da Leitura e Escrita

Objetivo: Incentivar a prática de leitura.

Metodologia: Promover o “cantinho da leitura”, com a disponibilização de livros, jornais, gibis, revistas, que podem ser obtidos por doação durante os intervalos de aula ou em possíveis horários vagos, durante todo o ano letivo.

Ação 3: Prática Pedagógica e Avaliação

Objetivo: Dinamizar as aulas e as atividades curriculares

Metodologia: Disponibilizar, aos professores, recursos didáticos para utilização em suas aulas. Podem ser sala de vídeo, laboratórios, recursos audiovisuais, etc. Incentivar a realização de cursos para usos de recursos, aos professores. Promover atividades extracurriculares ao longo do ano letivo, que devem ser planejadas pelos professores e a coordenação da escola.

Ação 4: Gestão Democrática

Objetivo: Operacionalizar a gestão democrática da escola.

Metodologia: Organizar o processo eleitoral e a criação de um grêmio estudantil. Deixar o Conselho Escolar mais atuante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode permitir que crianças e adolescentes passem por situações de violência diariamente, sem que se tome nenhuma providência. Dessa forma, estariam desprotegidas diante da omissão dos seus direitos. Toda criança e adolescente tem garantido pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, direito à vida e à saúde, direito à liberdade, dignidade e respeito. Todos eles devem ser protegidos contra todo e qualquer tipo de violência. Ainda, sobre os direitos da criança e o adolescente, no Art. 15 do ECA, está previsto o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais, garantidos na Constituição e nas leis. E

Entretanto, tornou-se frequente ver cenas cotidianas de atos de violência e violação de direitos nas ruas, nos bairros, nas praças e, o pior, na escola. Lugar onde as crianças se deslocam com a perspectiva de aprender e aprimorar seus conhecimentos. Infelizmente, ir a escola hoje se tornou um ato de preocupação e não mais de esperança. É lamentável, enquanto mãe, saber que nossos filhos estão sujeitos a presenciar situações desumanas e ouvir palavrões na escola, lugar onde deveriam aprender. Em nossas casas, tentamos o máximo tirar de nossos filhos influências ruins e livrá-los de situações desagradáveis. Proibimos filmes inadequados, novelas e castigamos quando apresentam comportamentos desumanos e preconceituosos.

Contudo, ao mandar nossos filhos à escola, não estamos seguros. Sabemos que, mais cedo ou mais tarde, ele vai chegar com uma “palavrinha” diferente, que não nos agrada e vai agir de forma grosseira. Qual é o papel da escola hoje? O que ela está ensinando? O que deveria, de fato, ensinar? Que tipo de cidadãos está sendo formando? Será mesmo que vale mesmo à pena formar cidadãos inconscientes e intolerantes às diferenças? A violência verbal, presente na escola, precisaria ser mais bem trabalhada, a fim de garantir concretamente os direitos das crianças. As leis precisam ser executadas para isso acontecer é preciso o engajamento de todos para fazer cumprir os direitos já constituídos em lei.

Diante dessa situação, a escola deve resolver a questão do bullying de forma coletiva, articulando todos os membros da comunidade escolar, pois é dever de toda a sociedade garantir que esses direitos sejam realmente cumpridos. É de extrema importância introduzir um plano de intervenção na Escola Estadual Dr. Airton Teles, visto que leva a uma discussão sobre o papel da escola e da sociedade enquanto regulador das relações sociais presentes no espaço escolar. A escola atual deixou de ser um espaço capaz de transmitir apenas conteúdos e passou a atuar no desenvolvimento de uma formação voltada para a cidadania e a

preparação dos alunos para a vida. Ela deve ser um espaço de construção da cidadania, de convívio harmonioso, capaz de garantir o respeito e o direito de educar a todos no sentido de evitar qualquer tipo de violência.

Para isso acontecer, é preciso abordar valores éticos e morais na escola, como forma de prevenir e combater o *bullying* e qualquer outra forma de violência. A escola deverá ensinar valores e, a parceria com a família, é muito importante. O aluno deverá ter uma referência familiar muito significativa em sua educação. Sempre será um desafio tratar sobre esse tema, pois a escola é um espaço onde existe uma diversidade de conflitos por questões que envolvem idade, sexo e até mesmo condições econômicas. Mas, se cada um fizer a sua parte com responsabilidade, essa situação provavelmente será mudada. Está previsto na lei “*É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente*” (Art. 70 do ECA).

Através do desenvolvimento desse projeto de intervenção, espera-se que as atividades desenvolvidas possam combater, de maneira significativa, um problema recorrente na Escola Estadual Dr. Airton Teles: a violência verbal, ou seja, o *bullying*. Espera-se que as ações sejam capazes de gerar nos alunos um compromisso com o uso de um vocabulário adequado para o convívio social e que não venham a agredir verbalmente a ninguém mais. Levá-los ao entendimento de que, para uma boa convivência, é preciso respeitar as diferenças. Despertar a consciência de cidadão, não somente de direito, mas também de deveres e conduzi-los a entender que, respeitar o outro, é um exercício de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriami. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, **A Instituição escolar e a Violência**. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos
- Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução, Introdução e Notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1997.
- CORVISIERI . Enrico. Platão, **A República**. Trad. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- COUTO, Maria Aparecida Souza. **Violência e Gênero no contexto escolar: Estudo de caso de uma escola da Rede pública Estadual de Sergipe**. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pós Graduação em Educação. São Cristóvão, 2008.
- _____, **Ética a Nicômacos**. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Mário da Gama. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/saberes>
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a violência e educar para paz**. 2º Ed. Campinas São Paulo. Verus, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como pratica de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Educação e mudança**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREITAS. Manuel Barbosa da Costa. **São Tomás de Aquino**. Universidade Católica Portuguesa. 1992. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/costa_freitas_sao_tomas_aquino.pdf
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.
- GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Editora Vozes Ltda, 2001. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Indicadores da qualidade na educação/ Ação Educativa, Unicef, Pnud, INEP, Seb/MEC
- LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. **O Fenômeno Bullying no Ambiente Escolar**. Revista Facevn. Vila Velha, nº 4. Jan/ Jun.2010, p. 119/135
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U, 1992.
- MENDONÇA, Felipe. **Sete saberes: oposta para uma reorganização da educação, através do estudo que revela as necessidades para a educação do futuro**. Construir Notícias, Recife: Multimarcas, n. 3, p. 36, novembro/dezembro, 2003.

MENEGOTTO, Pasini, Levandowski. **O bullying escolar no Brasil:** Uma Revisão de Artigos Científicos. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 15(2), 203-215. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (*on-line*). **Sistema de avaliação:** às cegas por pares (*doubleblindreview*). Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MERSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação:** uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988.

OLIVEIRA, Lelia de Cássia F. **Relacionamento no Ambiente Escolar.** Construir Notícias, Recife: Multimarcas, n. 16 p. 36-37, maio/junho, 2004.

PILETTE, Claudino. **Filosofia da Educação.** 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates.** tradução de Jean de Melville. São Paulo: Martin Claret, 2006.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma Nova Escola:** o transitório e o permanente na educação. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SABERES, Natal – RN, v. 2, n.5, ago. 2010 52 Kury. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SPOSITO, Maria Pontes, **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001

APÊNDICES

Apêndice 1: Perguntas Norteadora do Grupo Focal



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA – CESAD
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB



ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

GUIA DO GRUPO FOCAL - ALUNO/A

Data da realização: ____/____/____

QUESTÕES CHAVES	TEMPO
O que pensa sobre a educação	
- Gosta de estudar? - Têm o hábito de ler? (o que já leu, o que gosta de ler) - Qual a disciplina que mais gosta? Por quê? - O que acha de estudar? (gosta, não gosta, por quê?)	15'
Ambiente Escolar	
- O que acha da escola? - Os alunos lêem/usam diariamente materiais de leitura disponibilizados nas salas de aula? - Os alunos usam os livros didáticos das diferentes disciplinas toda semana, na sala de aula ou em casa? - A escola promove visitas no bairro e na cidade para que os alunos conheçam e aprendam a usar os equipamentos públicos da região (postos de saúde, hospitais, parques, praças, monumentos, museus, bibliotecas, centros culturais, Conselho Tutelar, Vara da Infância, etc.)? - Os professores relacionam os conteúdos a serem trabalhados na sala de aula com a vida cotidiana dos seus alunos? - Temáticas importantes para o processo educativo de adolescentes e jovens são tratados na escola com os alunos que estão nessa fase da vida (gravidez na adolescência, abuso de álcool e drogas, emprego e desemprego, tráfico de drogas, sexualidade, namoro, relacionamento com os pais, amizade, etc.)? - A escola possui biblioteca? (usa, não usa, acha importante ter) - A escola possui laboratório de informática (usa, não usa, acha importante ter) - Os alunos usam computadores e a Internet para aprimorar a leitura e a escrita pelo menos uma vez por semana, durante o horário das aulas? - Quais os problemas físicos da escola? (biblioteca, quadra, laboratórios, carteira) - Há grêmios estudantis ou outros grupos juvenis participando da tomada de decisões na escola e ajudando os alunos a se organizar? - Os pais e as mães comparecem e participam ativamente das reuniões sobre a vida escolar dos alunos? - A escola se mantém aberta aos finais de semana para que a comunidade possa	30'

usufruir do espaço (salas, pátio, quadras de esporte, biblioteca, etc.)? ▪ O que mudaria na escola? ▪ Como seria a escola ideal? ▪ Gosta da escola? Acha a escola bonita, agradável?	
Intervalo	10'
Relação com professores/alunos	
▪ Gosta de frequentar a escola? ▪ Como é o relacionamento com os professores (bom, muito bom, ruim, péssimo) ▪ Os professores são acessíveis (conseguem dialogar e apresentar a opinião) ▪ Os alunos tratam bem os professores e os funcionários da escola? ▪ Os professores são respeitosos e afetuosos com os alunos? ▪ O ambiente da escola favorece a amizade entre todos (entre alunos e alunos; entre professores e alunos; entre os professores, etc.)? ▪ Como é a relação com os colegas? (amigável, mais o menos, problemática, por quê?) ▪ A escola promove festas com a participação de pais, alunos, professores e funcionários? ▪ Na escola todos são tratados com respeito e mantêm laços de amizade, não importando se são negros, brancos, indígenas, pessoas com deficiência, ricos ou pobres, homens ou mulheres, homossexuais ou não? ▪ Quando os alunos têm atitudes preconceituosas ou discriminatórias (como fazer brincadeiras ou usar apelidos que humilham seus colegas), isso é conversado na sala de aula ou em outro espaço da escola para que não aconteça mais? ▪ As regras de convivência da escola são claras, conhecidas e respeitadas por toda a comunidade escolar?	30'
Sonhos e projetos de vida	
▪ O que planeja para o futuro? ▪ Pretende fazer faculdade? Qual o curso? ▪ O que pretende ser? (acha que consegue, a escola ajudará)	15'